



NELSON OLIVEIRA

*O mundo estará vivendo processo recessivo nos próximos um ou dois anos, o que deverá afetar o investimento direto*

## VIVENDO COMO UM PAÍS RICO

Se as declarações dos comandantes da economia sobre desvalorização do real são sinceras (quem vai desvalorizar não avisa), o Brasil sairá dos encontros de Washington como membro honorário do clube de países ricos. Uma espécie de mascote com certas qualificações e direitos próprios dos titulares. A imagem do clube com participantes em pé de igualdade é só para facilitar o desenvolvimento do tema. Na verdade, há diferentes graus de organização e poder de barganha entre os integrantes dessa ordem de países.

A equipe econômica insiste em que não será preciso desvalorizar

o real. Se é assim, tudo bem, mas nesse caso, o País teria de viver, como muitos brasileiros, no cheque especial. Como essa hipótese está fora de questão, pelo perigo que representa e pela falta de financiadores, deveríamos contar com um fluxo de investimentos diretos altíssimo, para não dependermos dos capitais de curto prazo no financiamento do rombo externo.

Há muito o que ser privatizado no setor elétrico, por exemplo. E não devemos nos esquecer da Petrobras. O caso é que o mundo estará vivendo processo recessivo nos próximos um ou dois anos, o que deverá afetar o investimento direto.

Voltemos então ao começo. Peço que se diz, o mundo todo treme

Jorge Cardoso 30-10-97



*Malan: equipe insiste em que não vai desvalorizar*

de pensar que o Brasil pode quebrar. Dessa forma, toda a ajuda será providenciada para que principalmente os países desenvolvidos não paguem por uma corrida contra o real. Isto é que estaria em negociação no momento em Washington, onde todo mundo que

conta está debatendo a crise e tentando montar a estrutura financeira mundial do novo milênio.

Em troca, dessa ajuda, o Brasil teria de cortar seus gastos públicos em uns US\$ 25 bilhões, mesma quantia que estaria sendo ofertada pelo Fundo Monetário International (FMI), o Banco Mundial (Bird), O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e os países ricos, além de bancos privados.

Com o déficit público alinhado, teríamos liberdade para continuar mantendo um certo déficit na conta corrente (plenamente financeirável, diriam) com o exterior, sem ter de desvalorizar para aumentar as exportações e conter as importações. É... as coisas estão a tal ponto diferentes que mesmo isso pode ocorrer. O recomendável, contudo, é não se iludir com modelos muito bem acabados num mundo nervoso e desconfiado. As notícias que chegam da capital americana dão conta de que o novo Consenso de Washington está longe de se materializar.

## REFORMAS

*Os empresários do setor de obras públicas de São Paulo já decidiram como agir em face do duro ajuste fiscal que o governo está prometendo, e que vai atingi-los diretamente. Contribuir para tornar o arrocho o mais rápido e produtivo possível, evitando que a recessão e o desemprego se alonguem além do estritamente necessário. O plano da Associação Paulista das Empresas de Obras Públicas (Apeop) é mobilizar os empresários em torno do avanço das reformas constitucionais, inclusive a das relações trabalhistas, pressionando o Congresso a aprová-las. A mobilização será coordenada pelo Fórum Nacional da Construção Pesada, que está preparando documento a ser entregue ao presidente Fernando Henrique Cardoso como contribuição ao pacto anticrise. Pacto é uma dessas palavras mágicas que os governantes usam em duas situações: quando não têm alternativas ou quando vão usar a alternativa mais dura.*